

ESPAÇO E TEMPO EM MACEIÓ: A FOTOGRAFIA COMO PONTE ENTRE O PASSADO E O PRESENTE URBANO

Kézia de Araújo Ribeiro ¹
Cirlene Jeane Santos e Santos ²

RESUMO

O estudo foi realizado no Instituto Federal de Alagoas (IFAL) com estudantes do 2º ano do ensino médio e teve como objetivo buscamos desenvolver nos alunos a capacidade de análise espacial, crítica e interpretativa da paisagem urbana, utilizando fotografias históricas e atuais como instrumentos comparativos para compreender as transformações do espaço e da paisagem de Maceió ao longo do tempo, promovendo a leitura geográfica do espaço urbano e a reflexão sobre os processos sociais, econômicos e ambientais que moldam a cidade. A metodologia adotada foi de natureza qualitativa, com uma abordagem exploratória de campo, fundamentada em um estudo de caso que analisou cinco locais históricos situados no Centro de Maceió, entre eles a Catedral Metropolitana, a Assembleia Legislativa e o Museu Palácio Floriano Peixoto. A pesquisa envolveu análise documental e visitas técnicas, o que possibilitou uma imersão prática e significativa no contexto urbano investigado. Como referencial teórico, o trabalho se apoiou nas ideias de Milton Santos (1996), que compreende a paisagem como um “palimpsesto”, isto é, um conjunto de camadas onde o passado permanece inscrito e visível, mesmo diante das sucessivas transformações promovidas pela urbanização. Essa perspectiva permite compreender a cidade como resultado de processos históricos contínuos, onde o antigo e o novo coexistem em permanente diálogo. Os resultados evidenciaram que a fotografia, enquanto recurso didático, favorece a compreensão das dinâmicas espaciais e temporais, estimulando o olhar crítico dos estudantes sobre o espaço geográfico e as relações sociais que o configuram. As visitas técnicas integraram teoria e prática, ampliando a percepção dos alunos sobre a importância do patrimônio histórico e cultural. Conclui-se que o uso da fotografia no ensino da Geografia Urbana promove aprendizagens significativas, fomenta a valorização da memória coletiva e incentiva uma consciência crítica sobre as transformações espaciais e o planejamento das cidades.

Palavras-chave: Geografia urbana, Patrimônio histórico, Educação geográfica.

INTRODUÇÃO

O ensino da Geografia exerce um papel essencial na compreensão do espaço urbano, pois possibilita ao estudante perceber as múltiplas dimensões que estruturam e transformam a cidade. Mais do que descrever paisagens, a Geografia Urbana busca compreender os processos de formação e transformação dos espaços urbanos, revelando as dinâmicas econômicas, sociais e culturais que moldam o território ao longo do tempo

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, kezia.ribeiro@igdema.ufal.br;

² Professora do Curso de Geografia da Universidade Federal – IGDEMA/UFAL, membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Formação de Professores – PPGEFOP/UFAL Arapiraca, cirlene@igdema.ufal.br.



(Corrêa, 1989). A partir dessa área da ciência, são oferecidos conceitos e métodos que permitem analisar fenômenos como a mobilidade urbana, o planejamento territorial, a segregação socioespacial, a expansão populacional e os impactos das diferentes formas de urbanização (Carlos, 2011). Tais elementos são fundamentais para que o aluno desenvolva uma leitura crítica das cidades e reconheça os fatores que condicionam o modo de vida urbano.

O caso de Maceió/AL é exemplar nesse sentido. Originalmente um pequeno núcleo pesqueiro e portuário, a cidade passou por sucessivas fases de expansão desde sua origem, em 1815. As atividades portuárias impulsionaram o crescimento econômico no século XIX, seguidas pela consolidação do comércio e do setor industrial. Esses processos promoveram a urbanização da capital alagoana, especialmente de seu Centro histórico, que constitui o foco deste estudo.

O planejamento urbano de Maceió, ao longo de sua história, reflete as marcas das transformações econômicas e sociais que moldaram sua paisagem. Desde as primeiras intervenções urbanísticas no século XIX, quando o traçado das ruas e a localização dos equipamentos públicos foram pensados para integrar o porto, o comércio e as áreas residenciais, até os recentes desafios da expansão desordenada e da desigualdade socioespacial, a cidade revela um contínuo processo de construção e reconstrução do espaço (Marques, 2011).

É justamente nessa perspectiva que o uso da fotografia no ensino de Geografia ganha relevância: ao comparar registros históricos e imagens atuais, os estudantes são convidados a identificar continuidades e rupturas na organização espacial da cidade, relacionando-as com políticas de planejamento, modernização e transformação social. Assim, a fotografia não surge como um elemento isolado, mas como uma ferramenta mediadora entre o conhecimento científico e o espaço vivido, capaz de aproximar o aluno de sua realidade urbana e fomentar uma leitura crítica e sensível do território maceioense.

Como objetivo buscamos desenvolver nos alunos a capacidade de análise espacial, crítica e interpretativa da paisagem urbana, utilizando fotografias históricas e atuais como instrumentos comparativos para compreender as transformações do espaço e da paisagem de Maceió ao longo do tempo, promovendo a leitura geográfica do espaço urbano e a reflexão sobre os processos sociais, econômicos e ambientais que moldam a cidade.

Como estratégia pedagógica, a fotografia apresenta-se como um recurso didático valioso para o ensino da Geografia, permitindo aos estudantes comparar diferentes períodos e compreender a transformação do espaço urbano. De acordo com Callai (2013),



o ensino de Geografia deve estimular o olhar crítico e a capacidade de análise espacial, favorecendo o questionamento sobre as relações entre sociedade e espaço. Assim, o uso de imagens fotográficas no estudo do Centro de Maceió torna-se um instrumento potente para aproximar teoria e prática, promovendo aprendizagens significativas e a valorização da memória urbana.

PERCURSO METODOLÓGICO

O presente estudo foi desenvolvido no Instituto Federal de Alagoas (IFAL) com estudantes do 2º ano do ensino médio, na disciplina de Geografia, e teve como principal objetivo estimular a habilidade de análise espacial e crítica dos alunos a partir da observação e interpretação de fotografias selecionadas. A proposta buscou explorar uma abordagem didática que valorizasse o uso de recursos visuais como instrumentos mediadores da aprendizagem geográfica, favorecendo a leitura crítica do espaço urbano e a compreensão das transformações da cidade ao longo do tempo.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, estruturada como um estudo de caso, por se debruçar sobre o Centro de Maceió/AL, analisando sua história e as transformações urbanas em diferentes períodos. De acordo com Minayo (2007), a pesquisa qualitativa é a mais adequada para compreender significados e interpretações atribuídos pelos sujeitos e contextos sociais, permitindo uma análise mais profunda dos fenômenos estudados. A coleta de dados foi realizada por meio de análise documental e registro fotográfico, permitindo observar as mudanças ocorridas na paisagem urbana e nas dinâmicas espaciais locais.

A amostra incluiu cinco pontos históricos do Centro de Maceió, selecionados de forma intencional, considerando sua relevância para o patrimônio histórico e cultural da cidade. Os locais analisados foram: Catedral Metropolitana de Maceió (Paróquia Nossa Senhora dos Prazeres), Assembleia Legislativa do Estado de Alagoas, Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, Sociedade Perseverança e Museu Palácio Floriano Peixoto.

Antes da visita técnica, foi elaborada e aplicada uma sequência didática voltada à compreensão do crescimento urbano de Maceió, à análise comparativa de fotografias históricas e atuais, ao desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação de imagens e mapas, e à reflexão sobre as implicações sociais, ambientais e econômicas das transformações urbanas. Essa metodologia, conforme defendem Callai (2013) e Cavalcanti (2019), promove uma aprendizagem significativa, integrando teoria e prática,



e reforçando o papel da Geografia como campo que articula ciência, sensibilidade e cidadania.

O CRESCIMENTO URBANO DO CENTRO DE MACEIÓ/AL

O surgimento do Centro de Maceió/AL está intimamente ligado à fundação da própria capital alagoana. A cidade teve origem na união de duas vilas, a Vila de Alagoas e a Vila de Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul, oficializada em 5 de dezembro de 1815, quando D. João VI assinou o alvará régio que elevou o povoado à categoria de vila. Esse marco foi decisivo para consolidar o processo de urbanização da região, atraindo maior atenção administrativa e promovendo as primeiras ações de planejamento urbano (Marques, 2011; IBGE, 2014).

Durante sua fundação, as atividades portuárias desempenhavam papel fundamental na economia local, favorecidas pela localização geográfica estratégica do município. O Centro de Maceió, foco deste estudo, iniciou seu povoamento ao redor de uma pequena capela dedicada à Nossa Senhora dos Prazeres, onde hoje se encontra a Catedral Metropolitana, na Praça Dom Pedro II, e nas imediações do porto, principal ponto de entrada e saída de pessoas e mercadorias. Esse dinamismo portuário deu origem aos primeiros núcleos comerciais e marcou o início da formação urbana da cidade (IBGE, 2014).

Graças à sua posição geográfica privilegiada, ligando o litoral às regiões agrícolas por meio do vale do rio Mundaú, Maceió se desenvolveu rapidamente, tornando-se um importante elo entre o interior e o mar. O comércio foi um dos grandes impulsionadores desse crescimento, sobretudo após o fim do regime colonial, consolidando-se como força motriz da expansão urbana (Costa, 1939).

Por volta de 1708, a área central já apresentava sinais de povoamento, e no século XIX era composta por casas baixas, ruas estreitas e construções simples dispostas ao redor da igreja matriz. Em 1819, o governador Sebastião Francisco de Melo e Póvoas assumiu o mandato e ficou conhecido como o primeiro governador-urbanista, por propor um novo desenho urbano para Maceió. Segundo Marques (2011, p. 11), sua administração estimulou o planejamento e a expansão ordenada da cidade. Em 1820, José da Silva Pinto elaborou, sob sua orientação, uma planta urbana que, anos depois, em 1841, foi utilizada pelo engenheiro Carlos de Monay para implementar as primeiras ações de urbanização (Ticianeli, 2015).



Entre as reformas urbanas realizadas e preservadas até hoje estão as ruas do Imperador, do Sol e Barão de Penedo, que foram prolongadas para conectar-se aos corpos hídricos da região: as duas primeiras ao porto e a última à lagoa Mundaú (Marques, 2011, p. 11). Contudo, ao longo do século XX, o Centro de Maceió vivenciou um crescimento populacional acelerado, que se estendeu também aos bairros vizinhos. Na década de 1970, o aumento demográfico, aliado à falta de planejamento urbano, intensificou os processos de segregação socioespacial, resultado da migração de trabalhadores rurais em busca de melhores condições nas áreas urbanas. Esse movimento revelou, de forma mais evidente, a desigualdade social na capital alagoana (Marques, 2011, p. 19).

Assim, observa-se que as ações públicas e os planos de intervenção urbana implementados ao longo dos séculos provocaram inúmeras transformações na paisagem do Centro de Maceió, refletindo as dinâmicas sociais e econômicas que moldaram a cidade contemporânea. Com o passar do tempo, o aumento do tráfego e a degradação dos prédios históricos alteraram profundamente o cenário urbano. Hoje, por trás das fachadas comerciais, ainda é possível perceber os vestígios do que um dia foi o coração histórico e cultural da capital alagoana.

O PALIMPSESTO URBANO DO CENTRO DE MACEIÓ: A FOTOGRAFIA COMO RECURSO DIDÁTICO

As discussões sobre o conceito de paisagem na Geografia são amplas e complexas, envolvendo diferentes perspectivas teóricas. Na visão de Santos (1996), a paisagem constitui-se como um “conjunto de formas naturais e artificiais, formadas por frações de ambas”, ou seja, é o resultado da interação contínua entre elementos da natureza e da ação humana. Para o autor, a paisagem deve ser compreendida como um sistema dinâmico, composto por objetos e significados que se transformam com o tempo e refletem os processos sociais, econômicos e culturais que moldam o espaço geográfico.

A paisagem, portanto, é uma categoria geográfica, aqui entendida como em constante transformação, frequentemente marcada pelas mudanças decorrentes da modernização urbana. Observar a paisagem é, nesse sentido, reconhecer o passado inscrito no presente. Em uma entrevista concedida em 1996, Milton Santos recorre ao termo “palimpsesto” para descrever essa ideia. O palimpsesto, utilizado na Idade Média, era um pergaminho reaproveitado após ser raspado, sobre o qual um novo texto era



escrito, mas as marcas do anterior permaneciam visíveis. Assim também ocorre com a paisagem:

Na paisagem, você tem as marcas de várias gerações, vários séculos, tudo junto. Então, quando eu falo paisagem, eu estou, obrigatoriamente, referindo-me a uma entidade de origem transtemporal [...] o traçado das ruas, a própria forma dos prédios, lembra, nos traz o passado. Então, o passado é um dado central, mas a distinção a fazer é o passado como coisa ou o passado como memória.” (Santos, 1996, p. 12).

Ao caminhar hoje pelo Centro de Maceió/AL, é possível perceber as inúmeras camadas históricas que se sobrepõem no espaço urbano. As transformações promovidas pela modernização, muitas vezes realizadas sem planejamento adequado e acompanhadas pela falta de preservação do patrimônio histórico e cultural, deixaram marcas profundas. Ainda assim, o passado permanece visível nas antigas fachadas arquitetônicas, nos edifícios degradados e nas tentativas de planejamento urbano que configuraram o cenário atual.

Para compreender essas transformações, a fotografia torna-se um instrumento essencial de observação e comparação temporal, permitindo identificar as mudanças na paisagem urbana ao longo dos séculos. Desde sua invenção, a fotografia tem se mostrado uma poderosa ferramenta social, mas seu papel no ensino da Geografia é particularmente relevante por facilitar a leitura crítica do espaço e o entendimento das dinâmicas urbanas.

Discutir urbanização em sala de aula implica abordar as transformações sociais, econômicas e espaciais que configuraram as cidades ao longo da história. No caso de Maceió, desde sua fundação em 1815, as mudanças urbanas foram intensas e contínuas. Contudo, explicar esse processo apenas de forma teórica pode dificultar a compreensão dos estudantes, sobretudo quando se trata de períodos históricos distantes de sua vivência.

Por isso, o uso da fotografia como recurso didático é fundamental, pois facilita a aprendizagem e estimula o pensamento crítico dos alunos sobre o espaço em que vivem. Segundo Santos, Miranda e Gonzaga (2018, p. 1), “a fotografia permite ao educando analisar o espaço em que está inserido, despertando uma percepção crítica das transformações urbanas”. Assim, a imagem se transforma em uma ponte entre passado e presente, favorecendo a construção de um olhar sensível, investigativo e reflexivo sobre o território.



ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS E SUA RELAÇÃO COM A GEOGRAFIA

A fotografia, enquanto recurso didático, desempenhou papel essencial neste trabalho para explorar o espaço físico do Centro de Maceió/AL nas aulas de Geografia. As imagens históricas, previamente selecionadas, foram utilizadas durante a saída de campo e reproduzidas pelos alunos, permitindo o estabelecimento de comparações visuais entre passado e presente, revelando as transformações ocorridas na paisagem urbana ao longo do tempo.

O primeiro ponto visitado foi a Assembleia Legislativa do Estado de Alagoas, um dos principais marcos da história política alagoana. Sua trajetória inicia-se em 12 de agosto de 1838, e o edifício foi projetado pelo engenheiro José de Azevedo Scharamback. Entre os episódios mais marcantes de sua história destaca-se o impeachment do governador Sebastião Marinho Muniz de Falcão, em 1957, que resultou em um tiroteio com feridos e na morte do deputado Humberto Mendes (Assembleia Legislativa de Alagoas, 2015). Atualmente, o prédio mantém sua função original de sede do poder legislativo, preservando grande parte de sua estrutura arquitetônica. Observa-se, contudo, que a praça em frente ao edifício, antes aberta, encontra-se hoje cercada por grades, como se vê nas figuras 1 e 2.

Figura 1 - Assembleia Legislativa de AL



Fonte: Desconhecida.

Figura 2- Assembleia Legislativa de AL



Fonte: Os autores, 2024.

A segunda parada foi na Catedral Metropolitana de Maceió, situada na Praça Dom Pedro II, ponto central da cidade. A fotografia histórica, datada do início do século XX, mostra um cenário com edificações baixas e pouco tráfego de veículos. Ao comparar com o presente, nota-se o aumento da verticalização urbana e o intenso fluxo de automóveis, reflexos do processo de modernização do Centro da cidade, ver figuras 3 e 4.

Figura 3 - Catedral e Praça D. Pedro II em 1920



Fonte: Ticianeli, 2015.

Figura 4 - Catedral Metropolitana em 2024



Fonte: Os autores, 2024.

O terceiro ponto analisado foi o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL), fundado em 2 de dezembro de 1869, instituição fundamental para a preservação da memória cultural alagoana (figuras 5 e 6). O edifício mantém o mesmo endereço e conserva sua estrutura original, abrigando um valioso acervo bibliográfico, documental e artístico (História de Alagoas, 2015).

Figura 5 - IHGAL em 1869



Fonte: Ticianeli, 2015

Figura 6 - IHGAL em 2024



Fonte: Os autores, 2023.

O quarto local visitado foi a sede da Sociedade Perseverança e Auxílio, inaugurada em 1917. Inicialmente chamada de Sociedade Recreativa e Beneficente Perseverança e Auxílio, a instituição oferecia cursos gratuitos de português, francês, aritmética e escrituração mercantil (figuras 7 e 8). Em 1909, adquiriu o terreno e construiu o edifício que abriga até hoje sua sede, atualmente integrada ao espaço do IHGAL (Ticianeli, 2015).



Figura 7 - Perseverança, 1917



Fonte: Ticianeli, 2015

Figura 8 - Perseverança, 2024



Fonte: Os autores, 2024.

Por fim, a visita contemplou o Museu Palácio Floriano Peixoto, cuja construção foi autorizada em 1893 pelo então governador Gabino Besouro e inaugurada em 1902, com projeto arquitetônico do italiano Luiz Lucariny (Museu da Imagem e do Som de Alagoas, 2015). O prédio, que já serviu como sede do governo estadual, é hoje um dos mais importantes museus de Alagoas, preservando acervos que narram a história política e cultural do estado, ver figuras 9 e 10.

Figura 9 - Palácio Floriano Peixoto, séc. XX



Fonte: MISA, 2024.

Figura 10 - Palácio Floriano Peixoto, 2024



Fonte: Os autores, 2024.

Durante a visita técnica, os alunos puderam aprofundar seu conhecimento sobre a história e as transformações urbanas do Centro de Maceió. A atividade permitiu observar in loco os elementos históricos, arquitetônicos e paisagísticos que compõem o cotidiano urbano da capital. Locais como a Assembleia Legislativa, o IHGAL, o Palácio Museu Floriano Peixoto, a Catedral Metropolitana e a Sociedade Perseverança possibilitaram aos



estudantes compreender como a paisagem urbana se transforma e mantém vestígios de diferentes tempos históricos.

Essa experiência foi fundamental para integrar teoria e prática, promovendo uma aprendizagem significativa. Os alunos, ao vivenciarem a cidade que os cerca e que muitos percorrem diariamente para estudar no IFAL, puderam perceber que a paisagem é resultado da ação humana no tempo, carregando marcas que expressam memória, cultura e identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado no Centro de Maceió/AL, articulando o uso da fotografia como recurso didático no ensino de Geografia, revelou-se uma experiência enriquecedora tanto para os alunos quanto para os professores envolvidos. A análise comparativa entre imagens antigas e atuais possibilitou uma compreensão mais profunda sobre as transformações espaciais e temporais da cidade, permitindo aos estudantes perceberem como o espaço urbano é resultado de processos históricos, sociais e culturais que se sobrepõem ao longo do tempo, um verdadeiro palimpsesto urbano, conforme conceitua Santos (1996).

A metodologia, fundamentada na observação e na vivência direta do espaço, favoreceu uma aprendizagem significativa, pois colocou os alunos como protagonistas na construção do conhecimento. Durante as saídas de campo e análises fotográficas, foi possível articular teoria e prática, estimulando a reflexão crítica sobre o território vivido e a valorização do patrimônio histórico e cultural da capital alagoana.

A fotografia, nesse contexto, mostrou-se mais do que uma ferramenta ilustrativa: ela atuou como um instrumento de mediação entre o passado e o presente, capaz de despertar a sensibilidade e o olhar investigativo dos estudantes para as transformações urbanas, sociais e simbólicas de Maceió. Essa prática pedagógica contribuiu para o fortalecimento do pensamento geográfico, ao possibilitar que os discentes compreendessem o espaço como produto da ação humana no tempo, e não como algo estático.

Conclui-se que o uso de recursos visuais e metodologias ativas no ensino da Geografia amplia as possibilidades de aprendizagem e aproxima o aluno de sua realidade. Ao relacionar imagem, memória e paisagem, o ensino torna-se mais dinâmico e contextualizado, promovendo não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o



pertencimento e a consciência crítica sobre o espaço urbano. Assim, a experiência reforça a importância da Geografia escolar como campo de leitura e interpretação do mundo, formando sujeitos conscientes de seu papel na construção e preservação da cidade e de sua história.

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE ALAGOAS. **Histórico institucional**. Maceió: ALE, 2015.

CALLAI, Helena Copetti. **Ensinar e aprender Geografia: necessidade de uma prática reflexiva**. Ijuí: Unijuí, 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade: ensaios de Geografia urbana**. São Paulo: Contexto, 2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2019.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

COSTA, Manoel Diégues Júnior da. **História de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 1939.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Diccionario Biographico de Pernambucanos Celebres**. Recife: Typ. Mercantil, 1939.

TICIANELI, Edberto. História de Alagoas. Portal de História e Cultura Alagoana. Maceió, 28 abr. 2015. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 28 out. 2023.

IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros: Alagoas**. Rio de Janeiro: IBGE, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades: Maceió – aspectos históricos e urbanização**. Rio de Janeiro: IBGE, 2014.

MARQUES, Camila Soares. **As transformações urbanas e arquitetônicas do Centro de Maceió/AL**. Maceió: EDUFAL, 2011.

MARQUES, Camila. **Maceió e suas transformações urbanas: uma leitura histórica e geográfica**. Maceió: Edufal, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE ALAGOAS (MISA). **Catálogo do acervo histórico**. Maceió: MISA, 2015.

SANTOS, Karen; MIRANDA, Jean; GONZAGA, Gláucia. A fotografia como recurso didático no ensino de Geografia. **Revista Geosaberes**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 1–9, 2018.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, M. **Entrevista concedida ao programa Roda Viva**. São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 1996.

